

ENTREVISTA COM FELIPE CAMMAERT, TRADUTOR DE *TORTO ARADO* PARA O ESPANHOL COLOMBIANO

INTERVIEW WITH FELIPE CAMMAERT, TRANSLATOR OF *TORTO ARADO* INTO COLOMBIAN SPANISH

ENTRETIEN AVEC FELIPE CAMMAERT, TRADUCTEUR DE *TORTO ARADO* VERS L'ESPAGNOL COLOMBIEN

ENTREVISTA CON FELIPE CAMMAERT, TRADUCTOR DE *TORTO ARADO* AL ESPAÑOL COLOMBIANO



Entrevistado:

Felipe CAMMAERT
Pesquisador
Universidade de Aveiro
Centro de Línguas, Literaturas e Culturas
Aveiro, Beira Litoral, Portugal
<https://www.ua.pt/pt/cllc/page/53428>
<https://www.cienciavita.pt/portal/F91D-4BAF-02FF>
<https://orcid.org/0000-0001-6918-7473>
cammaertfelipe@ua.pt

Entrevistado por:

Profª. Dra. Germana Henriques PEREIRA
Professora Associada 4
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Letras Estrangeiras e Tradução
Brasília, Distrito Federal, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5479032498605468>
<https://orcid.org/0000-0003-1705-1704>
germanahp@gmail.com

Dra. Fran BERGAMO
Técnica em Assuntos Educacionais
Ministério da Cultura
Brasília, Distrito Federal, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/1279814270298198>
<https://orcid.org/0000-0002-1766-8205>
franlnb@hotmail.com

Apresentação do Tradutor

Felipe Cammaert¹ é pesquisador da Universidade de Aveiro (CLLC-Portugal). Foi pesquisador na Universidade de Coimbra (CES-Portugal), na Biblioteca Nacional da Colômbia e professor nas Universidades de Picardie (França), Lisboa, Aveiro (Portugal) e Los Andes (Colômbia). É advogado pela Universidade de Los Andes (Colômbia) e doutor em Estudos Românicos e Literatura Comparada pela Universidade Paris Nanterre (França). Traduziu do português vários autores, como António Lobo Antunes, Lídia Jorge, Itamar Vieira Junior, Paulo Faria, Hélia Correia, Paulo José Miranda, Francisco José Viegas e Boaventura de Sousa Santos, entre outros. É



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

também tradutor de textos literários e académicos do francês e integra regularmente os júris de avaliação de séries e prémios de tradução. Em 2021, recebeu uma Bolsa de Mobilidade i-Portunus (Creative Europe-Comissão Europeia) para tradução literária.

Felipe Cammaert es investigador de la Universidad de Aveiro (CLLC-Portugal). Ha sido investigador en la Universidad de Coímbra (CES-Portugal), en la Biblioteca Nacional de Colombia, y docente en las Universidades de Picardie (Francia), Lisboa, Aveiro (Portugal) y Los Andes (Colombia). Es abogado de la Universidad de Los Andes (Colombia) y doctor en Estudios Románicos y Literatura Comparada de la Universidad Paris Nanterre (Francia). Ha traducido del portugués numerosos autores como António Lobo Antunes, Lídia Jorge, Itamar Vieira Junior, Paulo Faria, Hélia Correia, Paulo José Miranda, Francisco José Viegas y Boaventura de Sousa Santos, entre otros. Es también traductor del francés de textos literarios y académicos, e integra regularmente jurados evaluadores de series y premios de traducción. En 2021 recibió una Beca de Movilidad i-Portunus (Creative Europe-Comisión Europea) para traducción literaria.

Qual a sua formação como tradutor?

CAMMAERT: Cheguei à tradução através da minha formação e experiência como investigador em literatura comparada. Como acontece em muitos casos, os meus inícios foram autodidactas. Dado o meu percurso (vivi na Colômbia, na Inglaterra, na França, na Espanha, e em Portugal), na minha cabeça estava sempre a transpor palavras e conceitos de uma língua para outra. Comecei traduzindo textos académicos e, aos poucos, fui explorando a tradução literária. Desde cedo, tive a oportunidade de colaborar de perto com a colecção Labirinto das Ediciones Uniandes, na Colômbia, especializada em literaturas de expressão portuguesa. Esta colecção tem, hoje em dia, um catálogo rico e diverso, e tem contribuído muito para a divulgação destas obras junto do público latino-americano, mas não só, porque vários dos seus livros têm sido reeditados em Espanha. Nos últimos anos, tenho-me interessado pelos estudos de tradução, tanto numa perspectiva de tradutor como nas minhas pesquisas, que actualmente versam sobre a tradução da literatura pós-colonial europeia.

3

De quais línguas você traduz?

CAMMAERT: Tenho traduzido maioritariamente textos literários do português, mas também do francês. Dadas as minhas origens (sou colombiano e belga), também traduzi para francês, nomeadamente textos académicos ou ensaios. Mas, de modo geral, traduzo para espanhol, que é onde me sinto em casa.

Quais obras/autores de língua portuguesa (do Brasil ou não) você já traduziu e publicou?

CAMMAERT: Como referi, as minhas primeiras traduções foram no âmbito académico. Na sequência dos meus estudos de Direito na Colômbia, comecei por traduzir textos de sociologia jurídica (António Carlos Wolkmer, Boaventura de Sousa Santos, entre outros). Em 2013,

quando eu já morava em Lisboa, Portugal foi o país convidado da Feira do Livro de Bogotá. Nesse contexto, traduzi trechos de vários escritores portugueses para uma antologia (Lobo Antunes, Vergílio Ferreira, Afonso Cruz, Agustina Bessa-Luís...), e um romance policial de Francisco José Viegas. Desde então, tenho traduzido outros autores portugueses como Paulo José Miranda (prosa e poesia), Lídia Jorge (uma retradução de *A Costa dos Murmúrios* que, aliás, foi reeditada no México e na Espanha), Hélia Correia e António Mega Ferreira. Num outro registo, até traduzi um best-seller sobre o José Mourinho. A minha mais recente tradução, de 2024, é do maravilhoso romance *Estranha Guerra de Uso Comum*, de Paulo Faria, sobre as heranças da guerra colonial. O primeiro livro brasileiro que traduzi foi justamente *Torto Arado*, que foi publicado em 2021.

Como você chegou a Torto Arado?

4

CAMMAERT: Foi uma proposta do editor da Planeta-Tusquets na Colômbia nesse momento, Juan David Correa, com quem eu já tinha trabalhado durante vários anos quando ele era editor da Revista Arcadia, nessa altura uma das melhores publicações culturais na Colômbia. Eu já tinha visto vários comentários sobre o livro quando recebeu o prémio Leya em Portugal, mas ainda não o tinha lido. Assim que abri as primeiras páginas, soube que seria um belo projecto de tradução, mas também um desafio daqueles que os tradutores gostam de receber.

Qual a sua leitura crítica do romance?

CAMMAERT: A minha leitura do romance está condicionada por dois aspectos: por um lado, e apesar de trabalhar no campo da literatura comparada, estou longe de ser um especialista em literatura brasileira. Embora admire muitos escritores brasileiros, aprendi português em Portugal através (e por causa) da literatura portuguesa, nomeadamente de António Lobo Antunes. Por outro lado, posso dizer que não li o romance de Itamar Vieira Junior com os olhos de um leitor desprevenido nem de um pesquisador analítico, mas adentrei-me nele, logo desde o início, vestido com a minha pele de tradutor, o que sem dúvida condicionou a minha apreciação da obra. Contudo, posso enumerar alguns aspectos que considero serem os mais relevantes neste livro: a caracterização das vozes das comunidades historicamente marginadas

(um elemento em que ecoam os meus conhecimentos da história colombiana); a encenação do sentimento de pertença à terra (ou aos donos da terra) e, sobretudo, as suas variações nas distintas gerações; a caracterização da dimensão mística presente na comunidade de quilombolas e as suas ressonâncias, do ponto de vista do tratamento literário, com alguma forma de realismo mágico à maneira de García Márquez ou de Carpentier.

Você manteve contato com o Itamar Vieira Jr. durante a tradução? Visitou a Chapada Diamantina?

CAMMAERT: Entrei em contacto com o escritor numa fase avançada do trabalho de tradução, quando tinha já um primeiro esboço do livro. É assim que costumo fazer com os outros livros, quando é possível. O Itamar, que sempre foi muito receptivo perante as minhas dúvidas, ajudou-me a esclarecer algumas questões pontuais próprias do universo do romance. Em particular, pedi a sua opinião no que diz respeito à escolha do título e à introdução de uma nota do tradutor que procurava contextualizar, para o leitor latino-americano, o universo do Jarê. O autor concordou, e sobretudo soube respeitar, essas minhas escolhas.

Infelizmente não tive a oportunidade de me deslocar até à Chapada Diamantina (na altura em que eu estava a trabalhar, ainda vivíamos tempos pandémicos...), pelo que tive de fazer um importante trabalho de pesquisa relativamente a esta região tão particular, mas também um grande esforço de imaginação para o qual a subtilidade da prosa do livro muito contribuiu. Lembro-me que, no primeiro contacto que tive com o autor, confessei que, de certo modo, é como se eu tivesse estado confinado durante meses no universo de Água Negra e dos seus habitantes.

Alguns tradutores de Torto Arado fizeram um glossário dos termos referentes à fauna e à flora da região. Você também criou um glossário ou outro tipo de definição dos termos específicos?

CAMMAERT: O ofício de traduzir implica sempre um trabalho de tipo científico que faz com que, em função das temáticas do livro, nós sejamos obrigados a tornarmo-nos peritos efêmeros nas matérias que ele aborda. Enquanto traduzia *Torto Arado*, fui agrónomo, botanista,

zoologista, entomologista e ornitólogo por alguns dias. Durante o meu trabalho preparatório, criei um glossário bilíngue com as correspondências entre árvores, pássaros, peixes e outras espécies, que partilhei com a minha editora. Relativamente aos pássaros, talvez os animais que mais protagonismo têm no livro, contei com a ajuda de um amigo que é um *birdwatcher* apaixonado, e que já esteve no Brasil a olhar para o céu e para as árvores durante horas. No entanto, para a versão em espanhol, decidimos não incluir o glossário (as editoras são, em geral, contrárias à presença deste tipo de ferramenta). A minha escolha sobre este ponto (decisão sempre susceptível de discussão...) foi a seguinte: enquanto houver um termo equivalente em espanhol (acrescenta-se aqui o problema das variações locais na denominação da fauna e flora), e com a ajuda de dicionários especializados e das designações científicas, preferi traduzir, consciente de que haveria alguma perda. Assim, o pássaro chupim que aparece inúmeras vezes no romance, ficou como “*tordo renegrado*” na minha versão, no intuito de manter a designação genérica acrescentada por uma referência à cor do animal. Mas para outros casos muito específicos, em que a correspondência taxonómica não me deixava satisfeito, optei por não traduzir, deixando os termos em português assinalados em itálicos, e confiando na imaginação do leitor. Lembro-me, por exemplo, dos casos do xorró-d’água, do patu-d’água ou do guachu, pássaros que me deixaram sem penas depois de muitos esforços infrutíferos.

6

E com relação aos termos específicos da prática religiosa do Jarê? Quais estratégias tradutórias você desenvolveu para vertê-los ao espanhol?

CAMMAERT: A questão do Jarê foi o outro desafio com que me deparei, dado que se trata de uma prática religiosa muito específica da região em que a história se passa. No meu caso, tinha a vantagem de que na Colômbia existem práticas sincréticas semelhantes, pelo que os leitores têm um conhecimento (mesmo que ele seja sumário) dessa dimensão espiritual. A minha escolha geral de tradução, que aliás se encontra justificada na única nota de tradução do livro, foi a de manter na medida do possível os termos próprios do Jarê, mesmo quando, em espanhol, poderia haver inclusive um vocábulo mais apropriado ou mais comum. Noutros casos mais concretos, optei por termos ou expressões existentes na cultura colombiana. O exemplo mais evidente é o dos encantados, termo que preferi manter tal e qual porque, para além de que a palavra existe em espanhol, julguei que, pelo contexto e pela sua força poética, iria perceber-se a natureza destas entidades sobrenaturais.

Você pode falar sobre como a obra traduzida foi recebida pela crítica?

CAMMAERT: Em geral, a recepção do livro (por falar apenas da minha tradução) tem sido bastante boa. Em 2022, apresentámos o *Torto Arado* com o autor na Feira do Livro de Bogotá, e o acolhimento dos leitores foi extraordinário. À imagem do que acontece no Brasil, o público colombiano partilhou connosco o sentimento de proximidade, e até de intimidade, que o enredo deste livro lhe suscitou. Penso que esta é uma das virtudes que faz do romance uma obra universal: apesar de a acção decorrer num espaço geográfico muito definido, as problemáticas que põe de relevo são comuns a muitas outras realidades do continente americano. Relativamente aos desafios de tradução antes comentados, que eu saiba, não tenho conhecimento de críticas a esse respeito (mas poderão existir, como é óbvio). Antes pelo contrário, tenho recebido alguns comentários positivos.

Como o título foi traduzido? Você consultou outras traduções antes da sua ou durante seu processo tradutório?

7

CAMMAERT: No que diz respeito à tradução de *Torto Arado* para espanhol, estamos perante uma situação bastante peculiar: actualmente, há no mercado três traduções a circular em função do contexto geográfico. Para além da minha tradução (que se encontra disponível na Colômbia e noutros países da América Latina), em 2021 foi publicada uma tradução mexicana, praticamente ao mesmo tempo que a da Planeta/Tusquets, sob o título *Torcido arado*. Posteriormente, em 2022, veio uma terceira tradução, desta vez na Espanha, intitulada *Arado torcido*. É interessante: três tradutores, três títulos distintos. Naturalmente, quando me encontrava a traduzir, não consultei estas versões, nem outras, aliás (salvo erro, nessa altura ainda não tinham sido publicadas outras traduções, pelo menos nas línguas que conheço). Confesso que ainda não fui ver estas outras duas traduções para o espanhol, *mea culpa*. Ademais, esta questão da proliferação de retraduições num lapso tão reduzido mereceria ser comentada em profundidade, para além do elemento das práticas editoriais relacionadas com a fragmentação dos direitos de autor.

Voltando à questão da tradução do título, e para falar na minha escolha pessoal, direi que o título que escolhi, *Tortuoso arado*, se afasta conscientemente do título em português por vários motivos. Em primeiro lugar, quis evitar a literalidade, já que a expressão em português (tirada

de um verso de *Marília de Dirceu*) contém uma inversão poética que me pareceu difícil de entender em espanhol. Por outro lado, incomodava-me a aliteração (ausente em português) entre as palavras espanholas “*torcido*” e “*arado*”. Preferi, então, o adjectivo “*tortuoso*” porque, na minha opinião, reflecte perfeitamente a essência do enredo. Lembrarei apenas uma frase, pronunciada pela voz de Santa Rita Pescadeira, que faz eco ao sentido da história: “A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes” (p. 225). Por si só, esta frase daria um excelente título. Finalmente, é tão tortuosa a vida das personagens que lavram a terra, quanto a fala mutilada de Belonísia quando tenta verbalizar novamente os seus sentimentos: “Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada” (p. 133).

8

As escolhas linguísticas usadas para representar as falas dos personagens de Torto Arado não têm a intenção de mimetizar ou tentar transcrever um falar que lembrasse a variedade linguística de uma comunidade rural quilombola como forma de evocar uma pretensa oralidade ao texto, o que poderia até soar artificial. O que se vê é que Itamar sabe aproveitar da sintaxe falada dando ritmo à narrativa. Como você lidou na tradução com esse traço estilístico do autor?

CAMMAERT: Penso que uma das maiores virtudes do livro reside na proliferação das vozes narrativas e, por conseguinte, dos pontos de vista. Nas duas primeiras partes, cada uma das irmãs conduz a história, fazendo com que haja um efeito de redundância que faz com que a sintaxe se adeque aos factos contados. Na terceira parte do livro, temos uma voz narrativa múltipla, a dos encantados que transitam entre os seres vivos (os humanos e a natureza), e que permite narrar o desenlace da história numa perspectiva mais colectiva, por assim dizer. E, no meio disto tudo, sentimos aí perto a consciência do autor, funcionário do INCRA e Doutor em estudos étnicos e africanos, pairando sobre a história de Água Negra, quase como um encantado mais. De certo modo, este traço estilístico e prosódico foi mais fácil de traduzir do que uma trama baseada nas falas dos quilombolas num “estado puro” através de diálogos directos. Creio que o ritmo com que a história é contada se corresponde com um registo linguístico bastante comum em espanhol, pelo que, por esse lado, não senti grandes dificuldades. Mas posso estar enganado. Para além do que eu chamo “o perigo do piloto automático” quando se trabalha com línguas tão próximas, espero ter conseguido fazer com que a música da narração em português

não se apagasse na minha versão em espanhol. Mas não sou eu quem deve julgar se isso realmente aconteceu.

REFERÊNCIAS

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, I. *Tortuoso arado*. Bogotá: Tusquets, 2021. Traducción de Felipe Cammaert.

ⁱ Para mais informações sobre o tradutor: CV CiênciaVitae:

<https://www.cienciavitae.pt/portal/en/F91D-4BAF-02FF>;

Página virtual sobre trabalho como tradutor:

<https://cargocollective.com/felipecammaert>

ⁱⁱ A entrevista foi concedida por escrito, via e-mail, em português de Portugal.